

Imagens & Palavras



O LIVRO NAS MEMÓRIAS DE LEITURA*

ILSA DO CARMO VIEIRA GOULART**

RESUMO: Com o objetivo de averiguar quais sentidos e valores poderiam estar agregados a um objeto-livro no decorrer do tempo, este trabalho propõe-se a analisar o vínculo que se estabelece na relação entre o leitor e a leitura por intermédio do livro. A pesquisa utiliza-se das memórias de experiências de leitura reconstituídas de um tempo da vida em que o livro esteve presente, a partir de relatos de pessoas acima de 50 anos que guardaram seu material de leitura durante décadas, ou mesmo daquelas que se sentiram movidas a reencontrar este material, ou ainda de quem guarda o livro de outrem. O trabalho subsidia-se nos estudos de Certeau (1994) e de Bosi (1994) sobre memória e nos estudos de Chartier (1994, 1996, 1999), referentes à história do livro.

Palavras-chave: Livro. Leitura. Leitor. Memórias de leitura.

BOOKS IN READING MEMORIES

ABSTRACT: To find out which meanings and values could be added to an object-book over time, this work examines the link books establish between readers and reading. It resorts to reading experience memories from a time of life when books were present, based on the account of 50+ people who have kept their reading material for decades, decided to rediscover this material, or kept others' book. This work draws on studies on memory by de Certeau (1994) and Bosi (1994) and on book history by Chartier (1994, 1996, 1999).

Key words: Book. Reading. Reader. Reading memories.

LE LIVRE DANS LES MÉMOIRES DE LECTURE

RÉSUMÉ: Dans le but de vérifier quels sens et valeurs pourraient être ajoutés à un objet-livre au cours du temps, ce travail analyse le lien qui s'établit dans la relation entre le lecteur et la lecture par l'intermédiaire du livre. Il a recours aux mémoires d'expériences de lecture reconstituées d'un temps de la vie où le livre était présent, à partir de récits de personnes de plus de 50 ans qui ont

* Este texto constitui-se parte da pesquisa de mestrado, desenvolvida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), vinculada ao grupo de pesquisa "Alfabetização, Leitura e Escrita" (ALLE), intitulada *O livro: objeto de estudo e de memória de leitura*.

** Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP.
E-mail: ilsa.vieira@uol.com.br

gardé leurs documents de lecture pendant des décennies, ou d'autres qui ont eu envie de retrouver ces documents ou encore qui gardent les livres d'autrui. Ce travail se fonde sur les études sur la mémoire de de Certeau (1994) et Bosi (1994) et sur l'histoire du livre de Chartier (1994, 1996, 1999).

Mots-clés: Livre. Lecture. Lecteur. Mémoires de lecture.

(...) Porém, em meio e alheio a tais miudezas, bradava o poeta Gonçalves de Magalhães:

“Waterloo! Waterloo! Lição sublime!”

Só esta voz parece que ficou, porque era em verso, era a magia do ritmo... e continua ressoando pelos corredores mal-iluminados da memória. (Em vão tenho procurado nos sebos um exemplar da Seleta...)

Sim, havia aulas de leitura naquele tempo.

A classe toda abria o livro na página indicada, o primeiro da fila começava a ler e, quando o professor dizia “adiante!”, aí do que estivesse distraído, sem atinar o local do texto!

Essa leitura atenta e compulsória seguia assim, banco por banco, do princípio ao fim da turma.

E como a gente aprende a escrever lendo, da mesma forma que aprende a falar ouvindo, o resultado era – quando necessário escrever um bilhete, uma carta – nós, os meninos, o fazíamos naturalmente, ao contrário de muito barbadão de hoje. E havia, também, os ditados.

E, uma vez por mês, a prova de fogo da redação. E tudo isso ainda no curso elementar. Pelo menos era assim em Alegrete. E é comovidamente que escrevo aqui o nome do meu lente de português e diretor do colégio, o saudoso professor Antônio Cabral Beirão. (Quintana, 1989, p. 152)

Nesse texto de Mário Quintana (1989) – *Leitura: redação* –, encontro uma proximidade entre a narrativa descrita e a proposta de análise deste trabalho, quando, nos “corredores mal-iluminados da memória”, surgem, junto às lembranças de um poema, reminiscências de um tempo que parecia estar perdido na escuridão dos labirintos do esquecimento. O ressoar dos versos traz à lembrança um tempo de escola, de aprendizagem, de maneiras de se efetuar a leitura e de um período marcado pela presença de alguém especial: um professor.

Se observarmos a descrição desse texto, perceberemos que retrata uma situação típica de aula de leitura numa escola, com características específicas de uma determinada época. Uma leitura direcionada pelo professor, feita em voz alta e em sequência: “banco por banco, do princípio ao fim da turma”. Junto com essa leitura, uma escrita conivente com as necessidades dos alunos: cartas, bilhetes e uma temida avaliação, em forma de ditados e de redações. Também aparece a imagem do professor, destacado com emoção: uma figura de respeito, alvo da admiração do aluno, o qual ainda é capaz de se lembrar do seu nome completo: “saudoso professor Antônio Cabral Beirão”.

Um tempo em que também esteve presente um livro-objeto, acompanhando silenciosamente cada minudência. Ao simples toque ou a um ligeiro olhar do indivíduo,

o livro lhe permite um ecoar de lembranças e sentidos de um momento que lhe fora único. Lembranças que ocasionam o desejo de reencontrá-lo novamente numa busca em sebos.

Mas que sentido teria esta lembrança para o autor? O que o levaria a escrever: “Em vão tenho procurado nos sebos um exemplar de Seleta...”¹ Ou mesmo, o que o impulsionaria a procurar novamente esta obra em sebos? Que significado teria aquele livro para despertar tal desejo?

Assim como Quintana, poderíamos destacar outros autores que verbalizam, derramam em palavras ou em versos esse envolvimento com um objeto-livro; e nessa relação leitor/leitura, o impresso ganha uma função exclusiva e por ele se cultiva uma intensa ligação e sentimentos.

Tomamos, então, por objetivo compreender essa função e essa dimensão constitutiva que o livro ocupa na relação entre o leitor e a leitura; como também entender os motivos de um material de leitura adquirir um valor tão significativo e os sentidos que lhe são reservados pelo leitor com o passar do tempo.

Para tanto, esta pesquisa destinou-se a olhar para pessoas consideradas comuns, sujeitos caracterizados como um “herói comum, personagem disseminada. Caminhante inumerável. Invocando, no limiar de meus relatos, o ausente que lhes dá princípio e necessidade, interrogo-me sobre o desejo cujo objeto impossível ele representa” (Certeau, 1994, p. 57). Pessoas que estudaram ou não completaram seus estudos; profissionais atuantes na sociedade ou que já estão aposentados; indivíduos que construíram uma família ou não; enfim, pessoas comuns que não são reconhecidas como famosas ou por terem realizado grandes feitos em âmbito nacional.

Ao constatarmos que algumas pessoas conservavam consigo um material de leitura durante décadas; que outras se sentiram, assim como o escritor Mário Quintana, movidas a encontrar um exemplar do livro em que haviam estudado; ou ainda que havia quem guardasse um livro que pertencera a outro, deparamo-nos com uma situação bastante instigante para o desenvolvimento desta pesquisa: o que levaria esses sujeitos a conservarem um material de leitura durante tanto tempo? Que sentidos estariam agregados a esse material?

Dessa forma, optamos pela realização de entrevistas com nove pessoas selecionadas, adotando como critérios a idade e a conservação do material de leitura. Ao utilizarmos as memórias de leitura dessas pessoas que conservavam um livro/cartilha/almanaque durante décadas, tornou-se necessário destacar o que aquele material nos revelava no decorrer de cada depoimento.

O trabalho não traz como centralidade a história editorial de uma obra ou os caminhos que os livros percorreram até chegar aos leitores, nem mesmo as práticas

editoriais ou tipográficas destinadas ao leitor. A pesquisa pretende inventariar lembranças, experiências significativas traduzidas em atitudes, sentimentos e valores atribuídos aos livros e produzidos na relação do leitor com este material, nos primeiros anos de escolarização, pois “cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular” (Chartier, 1999, p. 91).

Na perspectiva teórico-metodológica da História Cultural, esta pesquisa pretende colaborar na compreensão do significado dado ao livro por leitores comuns, na nossa contemporaneidade, bem como encontrá-los e investigar seus sentidos, valores e o papel que eles atribuem aos seus livros, por meio do relato das memórias de suas experiências de leitura.

Os modos de procedência da memória

A reconstrução da memória coletiva é uma ferramenta utilizada na sociedade contemporânea, identificada como a *sociedade do esquecimento* (Von Simson, 2000). Esse processo de reconstituição assume duas posições distintas: uma de se divulgar as memórias dos grupos sociais e outra de se tentar compreender o momento presente.

Trata-se de um passado que é presente, como escreve Quintana (2006, p. 174): “O passado não reconhece o seu lugar, está sempre presente”. É um olhar do hoje que procura uma visão do passado, uma construção composta de um ir e vir entre presente e passado, numa busca de sentidos sobre nossas incessantes inquietações, ideias, sentimentos.

A cada tentativa de aproximação com o passado, este ganha novas cores e nuances, e isto se deve ao fato de que a memória não é estática, fixa: ela é uma produção marcada por movimentos de instabilidade e seletividade dos acontecimentos.

Mas o que poderia ser investigado em uma pesquisa sobre leitura, em que o livro é trazido pelo próprio pesquisado como um objeto guardado por um longo período de tempo? O que um objeto – companheiro no tempo – aciona, quando colocado na frente do entrevistado, sobre suas lembranças de leitura, sobre um determinado momento de sua vida?

Dentre o conjunto de pesquisas que envolvem o trabalho de Ferreira (1999, 2006) pode-se obter, além de um mapeamento da realidade do campo da leitura no Brasil, amostragens de trabalhos que apontam para uma investigação do livro como objeto e fonte para o conhecimento da produção, circulação e apropriação de determinadas obras em suas edições e projetos editoriais.

Outros trabalhos revisitam a história da leitura, do livro, ao trazerem escritos sobre a alfabetização, a produção didática editorial, as práticas pedagógicas de leitura,

tais como os de Mortatti (2000), Kramer (1997), Amâncio (2002), Maciel e Frade (2003), Faria Filho (2002), entre outros. Estes autores dedicam-se, por exemplo, à história da leitura em sua relação com a escolarização, a identificação e análise de manuais didáticos e as representações e práticas neles inscritas.

No entanto, desconhecemos pesquisas que colocam em destaque o papel ou o lugar que o livro, como objeto físico carregado de uma carga afetiva, parece ocupar no processo da leitura: “Todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado ao objeto e a esta circunstância” (Chartier, 1999, p. 70).

O leitor recebe o livro mediante uma situação vivida ou um momento que lhe é significativo, que o remete a uma experiência de leitura com esse material. E o livro carrega em sua materialidade não só o conteúdo (as histórias, os exercícios, as ilustrações), mas todas as circunstâncias (de um tempo, de um lugar, de pessoas) que passaram na afetividade e na intelectualidade.

Dessa forma, compete-nos refletir sobre que livro é este que não serviu apenas à iniciação do leitor ao mundo das letras, mas que precisou ser guardado, ficar sempre à mão como objeto de posse. Que tipo de “investimento afetivo” reveste este objeto e a circunstância à qual ele está intimamente ligado? Ou mesmo indagar com Chartier (1999, p. 154): “Será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele se apossar, para fazer uso, para inscrevê-lo na memória ou para transformá-lo em experiência?”

Em meio aos questionamentos e às inquietações, enveredamos pelo caminho de identificar leitores que, pelas suas lembranças, movimentam e dão concretude ao mundo dos livros.

Com base nos estudos de Certeau (1994) e Chartier (1994, 1996, 1999), permite-se afirmar que a resposta do leitor frente ao objeto-livro é, ao mesmo tempo, partilhada, comum à de outros leitores de seu tempo e lugar, mas também, pode ser considerada singular, única assim como suas experiências e memórias de leitura.

Aproximar-se do encontro do leitor com o livro, tendo este suporte impresso como o principal agente desta relação, é buscar, no estudo das memórias do leitor, mais os aspectos afetivos do que os aspectos cognitivos, da interação que se estabeleceu com o objeto lido e possuído.

Pela memória, os leitores investigados recuperam relações construídas com e sobre os livros e, entre outros suportes de textos, ações leitoras concretizadas pelas pessoas que os leram, como também, pelo o que eles significaram nas primeiras

experiências com o ato de ler, pelas histórias contadas, pelos lugares e horários em que foram lidos, em meio a outros tantos livros não esquecidos pelo tempo.

Certeau (1994, p. 163) afirma que, “longe de ser o relicário ou lata de lixo do passado, a memória vive de *crer* nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita”. A memória utiliza-se de modos de procedência, organizando a *ocasião*, ou seja, fatos que oportunizam a reminiscência, no comportamento do cotidiano. Para o autor, a memória usa três modos de procedência: *o jogo múltiplo da alteração*, a *prática metonímica da singularidade* e *uma mobilidade desconcertante*.

O *jogo múltiplo da alteração* se constitui por encontros externos através de fatos vivenciados com outras situações já vivenciadas, marcas colecionadas internamente. O que acontece diante de uma situação ou fato, depois de retido, é que ele se libera por estímulos externos, o que se torna o momento oportuno, a “ocasião”, o momento imprevisto, denominado de “surpresa”, e se utiliza como impulso para a reconstrução da reminiscência.

A memória não dispõe de uma organização pré-estabelecida: ela se mobiliza em relação aos acontecimentos, é estimulada pelas circunstâncias e, em grande parte, provocada pelo outro: “(...) a memória é tocada pelas circunstâncias, como um piano que produz sons ao toque das mãos. Ela é sentido do outro” (Certeau, 1994, p. 163).

O segundo modo de procedência da memória é a *singularidade* da resposta produzida em gestos ou palavras. “Mas o que mais poderia a memória nos fornecer? Ela é feita de clarões e fragmentos particulares. Um detalhe, muitos detalhes, eis o que são as lembranças” (idem, *ibid.*, p. 164).

Para o autor, a memória é feita de clarões ou focos de lembranças e fragmentos particulares, de um a muitos detalhes. Embora incontáveis coleções de fatos estejam retidos, nem tudo é lembrado, apenas um foco que se sobressai, que se destaca em relação ao todo que se tem armazenado: “Essas particularidades têm a força de demonstrativos: aquele sujeito ao longe que passava inclinado... aquele odor que nem se sabe de onde subia... Detalhes cinzelados, singularidades internas funcionam já na memória quando intervêm na ocasião” (p. 164).

O terceiro modo é a *mobilidade* da memória em torno de si mesma. Há uma capacidade implícita de alterar detalhes, pois se deparam com uma ferrugem do tempo: o esquecimento. Os fragmentos não são o que realmente parecem ter sido: “(...) nem objetos, pois escapam como tais; nem fragmentos, pois oferecem o conjunto que esquecem; nem totalidades, pois não se bastam; nem estáveis, pois cada lembrança os altera” (p. 165).

Nesta perspectiva, o trabalho destacará a memória como fonte geradora da própria história e da cultura ligadas aos livros e ao mundo dos homens.

Em concordância, Bosi (1994, p. 55), quando nos remete o olhar às lembranças dos velhos como fonte de memória mais contextualizada e definida, declara que: “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

Para a autora, lembrar é um processo interior de trabalho, de reconstituição, uma busca no acontecimento das cenas, das formas, das cores, das pessoas, dos detalhes que parecem perdidos em arquivos não etiquetados dentro da memória. Não lembramos o todo de uma circunstância; lembramos parte dele, pois apenas alguns fragmentos se destacam na reminiscência. Assim: “Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição” (Bosi, op. cit., p. 39).

Longe da inutilidade, da fragilidade e da impossibilidade de inserção num mundo bem distante do que outrora conhecera, o(a) velho(a) assume uma nova função: “Ao lembrar o passado, ele não está descansando, por um instante, das lidas cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da subsistência mesma da sua vida” (idem, *ibid.*, p. 60).

A lembrança como processo de reconstrução

Quando tomamos o lembrado – referindo-se a um sujeito que realiza esta ação – como objeto de análise, o termo, a expressão “objeto de pesquisa”, segundo Ecléa Bosi (1994), para quem trabalha com Ciências Humanas, torna-se um tanto repugnante, entendido para este sujeito como uma redução de coisa, de objeto experimental. Nesta pesquisa, assim como definido pela autora, “(...) fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto, sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo como instrumentos de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir lembranças” (Bosi, 1994, p. 38).

A pesquisa procura transmitir lembranças, mas poderíamos nos questionar: que lembranças são essas que, provocadas por uma pergunta instigante de uma pesquisadora, ardem por se revelar?

Os estudos de Bosi (1994) apontam não para uma memória pessoal ou espiritual, numa relação do indivíduo com seu próprio corpo, mas para quadros sociais da memória: “a memória do indivíduo depende de sua relação com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referências a esse indivíduo” (idem, *ibid.*, p. 54).

As lembranças são o resultado de uma provocação das ações de outras pessoas que circundam a vida do indivíduo. Muito do que lembramos se mistura com

as lembranças (re)contadas por outros que vivenciaram uma determinada parte do mesmo passado.

A autora mostra-nos, também, que a ação de lembrar não se torna ação que se revive, mas uma ação que se refaz: “lembrar não é um reviver, mas um refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (idem, *ibid.*, p. 55).

A lembrança de um momento do passado é reconstruída pelo indivíduo de acordo com as imagens, com o pensamento, com sua estrutura emocional, de acordo com a maneira como ele se relaciona com o meio na atualidade, o que promoverá uma maneira distinta na representação desse passado.

Quando nos aproximamos dos sujeitos desta pesquisa, estes nos trouxeram a reconstituição de uma infância, um período narrado por eles com exaltação, com uma beleza inquestionável. Por ser ela uma infância lembrada, reconstruída de maneiras distintas, está submetida às condições das imagens de cada indivíduo.

Bosi (1994) faz um direcionamento sobre essa questão. Ela aponta para o cuidado de não pensarmos ou considerarmos o passado tal como nos foi relatado, mas, sim, como um trabalho de reconstrução da memória.

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (p. 56)

Nessa perspectiva, a rememoração é uma atividade de reconstrução. Olhar para um determinado momento do passado torna-se uma arte: a arte de (re)criar, de (re)inventar e de (re)colorir através das imagens, dos ideais, das concepções, das percepções interiores assumidas pelo indivíduo no presente:

Mas a infância, ó poetas, não é mesmo azul? Quanto a mim, eu venho há muito desconfiado de que a infância é uma invenção do adulto.

E o passado uma invenção do presente. Por isso é tão bonito sempre, ainda quando foi uma lástima... A memória tem uma bela caixa de lápis de cor. (Quintana, 2006, p. 159)

Ao decidirmos, neste trabalho, apresentar as lembranças de leitura de um determinado período da vida dos depoentes – a infância –, temos a consciência de que esta será uma infância lembrada, colorida com as cores que cada depoente traz em sua memória; e de que a reminiscência usará sua “caixa de lápis de cor” ao reconstruir momentos significativos.

A rememoração da infância descrita por cada entrevistado(a) aparece intimamente ligada a um objeto-livro, ultrapassando os limites da própria lembrança. Ao reconstruir aquela fase da vida, utilizando-se dos depoimentos, destacam, apontam, recuperam, (re)criam lugares, circunstâncias, pessoas, atividades e objetos que lhe foram significativos e constitutivos de uma experiência tanto de leitura, quanto de vida.

O livro e as memórias de leitura

Os relatos das memórias de experiências de leitura² trazem o livro como objeto constitutivo de uma relação intensa não apenas com a leitura, mas associado a um momento da vida ou a alguém que fora marcante. A lembrança aparece reconstruída a partir de três circunstâncias distintas: a escolarização, a infância ou uma pessoa significativa.

O livro e a escolarização

Para a Sra. Efigênia, 79 anos, estudar é visto como algo de grande valor para sua vida e isto se deve às aulas na fazenda. O livro tornou possível a aprendizagem da leitura e da escrita. Esse momento foi tão importante em sua vida que ela guardou todos os livros da série graduada de leitura *Meninice*, de Luís Gonzaga Fleury, sob um enorme zelo e cuidado durante 61 anos. Um material que lhe possibilitou o domínio das atividades de leitura e escrita, que lhe permitiu o conhecimento, um livro que lhe *abriu os caminhos* para o saber:

Ilsa – O que este livro significa, hoje, pra senhora?

Efigênia – Até nem sei como agradecer a Deus, eu fico muito contente de eu estar vendo o que abriu o meu caminho, o livro é que abriu meu caminho, porque eu não tinha... não conhecia nem o A, nós não sabíamos, agora já estudei mais depois disto, um pouquinho, mas eu tenho esses que foram os que me ensinaram no começo, eu fico muito contente e feliz de ainda ter esses pra mim.

A Sra. Dirce, 60 anos, revela-nos que a escola permitia-lhe um sentimento de capacidade e de valorização pessoal. A quarta série foi tão representativa, pelos colegas, pela professora, por ser condecorada a melhor aluna da sala, por ser a escolhida para fazer o discurso da formatura, tanto que é este o livro, *O tesouro da criança*, de Antônio D'Ávila, que ela guarda há cinquenta anos.

Ilsa – Sobre esta fase que a marcou. A senhora ainda desperta um grande amor pelo estudo?

Dirce – Muito, muito, gosto, sempre gostei muito de estudar. Essa quarta série me marcou muito, não sei, talvez porque tinha... me fez sentir muito valorizada, embora, assim, aquela

criança pobre, simples, né, que em casa eles não valorizavam o estudo, então eu acho, né, me fez me sentir valorizada, porque recebi um prêmio na terceira série de melhor aluna e na quarta também, da classe, né, e quando me convidaram pra ler o discurso final, fazer, declamar essa poesia do Afonso Schmidt. Então, eu me esforçava muito, eu decorei todinho o discurso, era três folhinhas, assim, fininhas e compridas e eu decorei e na hora levei só pra fazer de conta que eu ia ler. Eu tinha o maior prazer, eu queria fazer da melhor forma, sabe. Pra mim isso foi maravilhoso. Eu acho que a escola me fez sentir assim, valorizada, muito capaz.

Apesar de todas as dificuldades e da falta de estímulos de seus próprios pais para estudar, Dirce não revela em seu depoimento nenhuma tristeza ou inconformidade por aquele período. A memória reconstrói situações da escola, da professora, da aprendizagem, dos colegas, enfim, “tudo de melhor” daquilo que aprendeu:

Ilsa – O que a senhora guardou dessa época?

Dirce – Ah, eu guardei tudo de melhor que eu aprendi, foi muita coisa boa, teve colega que a gente não esquece, e... E essas professoras, também na quarta série que a professora pediu pra eu fazer o discurso de encerramento, uma poesia que eu me lembro até hoje a poesia, que era para declamar, no diploma, na formatura.

O livro e a infância

Lembrar da infância, para a Sra. Bernadete, 60 anos, é recordar-se de um tempo diferente do momento presente, um tempo que, mesmo outrora repleto de dificuldades, é reconstruído com as melhores características e destaca-se por ter sido um período de tranquilidade de vida e de uma inocência da criança:

Ilsa – E agora, diante deste material que a acompanhou na sua escolarização e que guardou durante tanto tempo, quais sentimentos ressurgem ao tocar novamente este livro?

Bernadete – É voltar naquele tempo, naquela época da minha infância, que era, assim, tudo tão bom, muito tranquilo, e relembra aquele tempo de infância, aquele... assim... é... Era uma coisa gostosa, é... Na inocência da gente criança, mesmo porque a gente não tinha muitas opções de brinquedos, então ler era muito importante.

Ela destaca que, naquele período de sua vida, sua família não usufruía de muitos recursos financeiros para aquisição de brinquedos, nem havia tantos recursos tecnológicos. Então, ler era uma grande opção, era uma atividade importante como um passatempo, como uma diversão ou uma distração. Bernadete guarda a cartilha *Lalau, Lili e o Lobo*, de Rafel Grisi, há 52 anos.

A Sra. Cida, 64 anos, guarda o almanaque *Jeca Tatuzinho*, de Monteiro Lobato, que pertencera ao pai. Um material de leitura é para ela um ecoar de recordações, possui uma magia que a transporta para um momento importante de sua vida: a

infância. Esse objeto-livro assume um valor e, ao mesmo tempo, um poder por favorecer lembranças de um determinado tempo:

Ilsa – E hoje, Cida, diante deste material, que sentimentos ressurgem?

Cida – Olha... para mim, esse livro é mágico, porque ele me transporta aos cinco anos, então, ele me transporta, sabe, para aquela magia dos cinco anos, eu imaginar galinhas de botinhas, o galo com bota com esporas, porquinho com quatro botinhas, pra mim é uma coisa linda, uma coisa maravilhosa. Não era, assim, os bens materiais que ele foi adquirindo que me encantava, e sim o inusitado, né, animais, vestindo... calçando... Porque eu mesma andava descalça, aliás, todo mundo andava descalço na minha época, eu só fui colocar calçado pra ir na escola quando eu fui pro ginásio. Ninguém, na sala inteira, podia olhar no pé, qualquer classe social, todo mundo de pé no chão. Era o costume da época... E nem por isso peguei amarelão... [risos]. Na cidade acho que não tinha amarelão, ou eu tomava muito *Biotônico Fontoura*, ou esse *anquilostomose, anquilostomina*, ai, eu não sei [risos].

Para a Sra. Nubinha, 69 anos, reencontrar novamente o livro *A bonequinha preta*, de Alaíde Lisboa, foi a possibilidade recuperar as memórias de uma fase de sua vida e com ela as lembranças de um tempo escolar, do ambiente da sala de aula, da relação com os colegas, com a professora, circunstâncias de uma vida familiar, de relações sociais em que estão presentes a rua, os vizinhos:

Ilsa – E agora, Nubinha, diante deste livro, você começou a falar das lembranças, quais sentimentos ressurgem?

Nubinha – Ah, ressurgem a minha infância total, viu, ressurgem a minha sala de aula, os meus colegas, e eu tenho ainda... uns que eu ainda encontro, né, às vezes, esporadicamente, é... me volta a lembrança da minha infância na Borda da Mata, eu me lembro muito da casa, onde a gente morou, dos vizinhos, sabe, é uma recordação gostosa da minha infância.

Ilsa – Que significado tem hoje este livro pra você?

Nubinha – Ah, é uma relíquia, é relíquia, eu sou muito conservadora, sabe, eu guardo coisas, eu tenho guardado comigo as provas que eu fiz na quarta série, porque... do ensino fundamental, porque era todo um aparato pra gente terminar, pra gente receber o diploma de quarta série, né, era muito valorizado, então, nós fazíamos as provas no papel diferenciado, era uma folha de papel almaço dupla, que a gente levava, a professora fazia um cabeçalho com uma letra muito bonita, e depois a gente fazia naquela folha de sulfite... é... de papel almaço, e eu guardo, eu tenho guardado, sou dona de guardar as recordações, sabe, as coisas todas eu guardo [risos]. Então, por isso eu guardei o livrinho.

O livro e uma pessoa significativa

A Sra. Virgínia, 59 anos, manteve uma relação de bastante proximidade e de troca de valores com seus pais. Mesmo não estando mais presentes, ela traz consigo a importância da convivência com eles na sua formação pessoal. Os livros da Coleção *Reino Infantil*, guarda-os há 50 anos e são uma referência da presença de seus pais:

Ilsa – E hoje, diante desse material que você guardou durante tanto tempo, o que te ressurgiu ao tocá-lo novamente?

Virgínia – Olha, ressurgiu uma saudade, morro de saudade daquele tempo, da minha mãe, linda, mas muito austera, porque ela foi diretora, então, ela era toda disciplinadíssima, meu pai era dentista, mas era um pai, assim, um pai avô, tudo que eu queria ele fazia. Eu fui filha única, então, ela era a disciplinadora. Eu me lembro da convivência dos dois comigo, tudo que eles faziam eu sentia que era pra passar algo de bom pra mim, então, eu ganhei muito com a convivência dos dois, muito. O referencial deles através dos livros, através da convivência diária, nossa não há dinheiro que pague. Infelizmente, hoje, a gente não vê mais isso, mas eu tento passar pros meus filhos, muito isso, que não vale a pena você ter coisa, conquistar coisa, amearhar coisas, você tem que se formar, bem formado dentro de você, bem estruturado e dar valor a quem te dá valor e procurar construir uma família, uma família, porque sem família você não é nada.

A Sra. Cida fala do almanaque com muita emoção, por ele representar a própria presença do pai. Cida demonstra uma relação afetiva muito significativa com seu pai, descreve-o como a figura masculina mais importante de sua vida. Ele acompanhou sua alfabetização, lia com ela o almanaque, conversavam sobre ele, num relacionamento familiar, permeado de emoção, fantasia, carinho, atenção, junto a um objeto-livro:

Ilsa – Que significado esse livro tem hoje pra você?

Cida – Esse livro é o tesouro que eu guardo com todo o carinho, com todo cuidado. Porque é a lembrança do meu pai, que foi a figura masculina... mais importante da minha vida... Ele era uma pessoa que tinha pouca instrução... Ele tinha pouca, assim... escolaridade, mas ele tinha a poesia no que ele falava, sabe, ele olhava no morro onde havia os pés de eucaliptos enormes e o sol se pondo, ele falava: “Filha, olha, o sol se enroscou nos eucaliptos”. E eu ficava encantada, sabe, e eu falava: “Mas, pai, hoje não vai haver noite? Nós vamos ficar sem... só de dia. Pega um bambu, pai, e vai desenroscar o sol”. Ele era assim, sabe, uma criatura mágica.

É muito bom voltar aos cinco anos, porque pra mim é... eu tenho uma lembrança maravilhosa do meu pai, sabe, maravilhosa mesmo, ele me faz muita falta!

Para ela, o almanaque possibilita uma materialização da figura paterna, o objeto-livro representa o seu primeiro possuidor, o dono legítimo. Tocar nesse material é como tocar as mãos do próprio pai:

Ilsa – E o livro é a materialização disso tudo.

Cida – Tudo, pra mim é tudo, é... quando eu toco assim [colocou a mão sobre o livro], eu estou colocando a minha mão sobre a mão dele, com certeza.

Considerações finais

Ao utilizarmos as lembranças de experiências de leitura proporcionadas pela presença de um objeto-livro, percebemos que o valor que lhe é atribuído está além de seu conteúdo e dos textos que carrega.

O livro não é, em sua constituição física, apenas suporte do texto, pois “os leitores se apoderam dos livros (ou dos outros objetos impressos), dão-lhes um sentido, envolvem-nos com suas expectativas” (Cavallo & Chartier, 1998, p. 39). Esses objetos-livros, materiais concretos de nossos estudos, apoderados por leitores, em princípio, se revelaram objetos impregnados de passado, assumindo na relação entre o leitor e a leitura papéis, funções distintas bem como representações a partir dos sentidos que lhe são atribuídos no decorrer do tempo.

Um momento de apropriação, único para o leitor, pode ocorrer em cumplicidade com o objeto-livro. Na tentativa de se evitar o possível desaparecimento de dados e de experiências de leitura reveladoras de um tempo significativo, o livro assume uma função distinta, torna-se “uma extensão da memória e da imaginação” (Borges, 1985, p. 5).

Na reconstituição de cenas e momentos, esse livro-objeto adquire o papel de um amuleto da memória, passa a ser um elo entre o indivíduo e seu passado. Preservar esse material é também conservar as reminiscências das situações vividas, de pessoas que foram significativas e de uma fase da vida que não cai no esquecimento. O livro concretiza registros que foram selecionados para não serem descartáveis no tempo.

Os depoimentos possibilitam a constatação de que o livro aciona reconstruções de situações marcantes de uma experiência de leitura e de vida, dando-nos a conhecer um tempo de infância, um tempo de escola, um tempo vivido com uma pessoa querida, figura de autoridade como o pai, a mãe ou o professor.

O livro-objeto pode servir tanto como uma fonte de abastecimento da memória e funcionar como um estimulador de reminiscências, como pode também assumir a função de um objeto de representação, quando, ao olhar para o impresso, olha-se para um material e atribui-se-lhe um valor: *tesouro, joia, relíquia, objeto mágico*.

Identificar a importância do livro como objeto impresso e, nessa perspectiva, analisar as práticas e representações construídas pelo leitor, no decorrer do tempo, como o articulador proeminente nesta relação, foi a intenção dessa pesquisa, considerando que “(...) um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (Benjamin, 1994, p. 37).

Muito mais do que relatar acontecimentos vividos, este trabalho destaca o acontecimento lembrado, considerando que a rememoração aparece como o fator constitutivo da relação entre o leitor e o livro, entre o leitor e a leitura e entre diferentes leitores.

A rememoração não reproduz simplesmente o fato vivenciado, mas reconstrói, de acordo com a vivência do hoje, cenas, detalhes, pessoas e objetos que foram significativos. A cada rememoração, a relação com o objeto se modifica, se transforma, torna-se o ato sem limites, abre as portas para uma infinidade interpretativa.

Ao trabalharmos com as lembranças de leitura, assumimos a memória como um objeto de estudo muito valioso. Operar com base neste material requer de nós uma postura um tanto delicada, pois remexer com este “acontecimento lembrado” nos coloca diante de um universo amplo e ilimitado. Não se pode definir limites metodológicos na esfera do lembrado, pois a ação de lembrar traz consigo situações inesperadas, por ser este ato apenas “uma chave para tudo o que veio antes e depois” (Benjamin, op. cit., p. 37).

A partir da análise dos relatos das memórias de leitura, é possível dizer que o livro traz mesmo uma *dupla delícia*, como percebe Mário Quintana (2006, p. 306), ao escrever: “O livro traz a vantagem da gente estar só e ao mesmo tempo acompanhado”. Podemos destacar que o *estar acompanhado* por um objeto-livro é algo mais do que estar envolvido por um enredo, por uma narrativa ou por belos versos; é estar acompanhado e envolvido por tudo aquilo que o livro encarna e representa, pelos sentidos que lhe foram atribuídos mediante tudo o que um dia foi possível vivenciar e experimentar nele e com ele.

E esta *dupla delícia* se torna acessível apenas quando o leitor decide e permite compartilhar um pouco das muitas experiências de leitura que sua memória reconstrói:

(...) Se há maior desgraça do que ser desmemoriado é ter memória demais. Você sabem como é, por experiência própria, quando a gente topa com um desses queridos avozinhos que se lembram de tudo: – Ah! Os bons tempos! – suspiram eles... e parapapapá.

Os bons tempos? Mas os tempos são sempre bons, a gente é que não presta mais.

Porém, em vista dos autos, melhor deveria dizer-se, com a mais legítima saudade:

– Ah, os bons maus tempos... (Quintana, 1989, p. 97)

Notas

1. *Seleção em prosa e verso*, de Alfredo Clemente Pinto, citada pelo próprio Mário Quintana no início do texto *Leitura: redação*. Esse livro foi editado no final do século XIX e início do século XX. Nesta obra, encontra-se o poema *Napoleão em Waterloo*, de Domingos José Gonçalves de Magalhães (Rio de Janeiro, 1811 – Roma, 1882), um dos principais nomes do Romantismo no Brasil. Publicou *Suspiros poéticos e saudades*, em 1836, marco inicial desse movimento literário no país.
2. Os relatos e a análise completa das memórias de experiências de leitura encontram-se na dissertação de mestrado *O livro: objeto de estudo e de memória de leitura* (Goulart, 2009).

Referências

- AMÂNCIO, L.N.B. *Cartilhas, pra quê?*. Cuiabá: EDUFMT, 2002.
- BENJAMIN, W. Magia e técnica: arte e política. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORGES, J.L. *Cinco visões pessoais*. Trad. de Maria Rosinda da Silva. Brasília, DF: UNB, 1985.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. de M. Del Priore. Brasília, DF: UNB, 1994.
- CHARTIER, R. (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. de Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.
- FARIA FILHO, L.M. et al. (Org.). *História da educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FUMEC, 2002.
- FERREIRA, N.S.A. *Pesquisa em leitura: um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil de 1980 a 1995*. Campinas: UNICAMP, 1999.
- FERREIRA, N.S.A. (Org.). *Livros, catálogos, revistas e sites para o universo escolar*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2006.
- FRADE, I.C.A.S.; MACIEL, F.I.P. (Org.). *História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG-RS-MT séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: CEALE; FAE; UFMG, 2006.
- GOULART, I.C.V. *O livro: objeto de estudo e de memória de leitura*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- GOULEMOT, J.M. Da leitura como produção de sentido. In: CHARTIER, R. *Práticas da leitura*. Trad. de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996. p. 107-116.

KRAMER, S. *Leitura e escrita de professores: da prática de pesquisa à prática de formação*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 20., 1997, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPEd 1997.

MACIEL, F.I.P.; FRADE, I.C.A.S. *Ler, escrever e contar... a história da alfabetização em Minas Gerais*. In: PERES, E.; TAMBARA, E. (Org.). *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil* (séculos XIX-XX). Pelotas: Seiva, 2003. p. 11-26.

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MORTATTI, M.R.L. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo 1876/1994*. São Paulo: UNESP, 2000.

QUINTANA, M. *Prosa e verso*. 6. ed. São Paulo: Globo, 1989.

QUINTANA, M. *Caderno H*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.

VON SIMSON, O. *Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento*. In: FARIA FILHO, L.M. *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas: Autores Associados, 2000.

Obras consultadas

D'ÁVILA, A. *O tesouro da criança*. São Paulo: Nacional, 1957.

FLEURY, L.G. *Meninice*. São Paulo: Nacional, 1948.

GRISI, R. *Cartilha Lalau, Lili e o Lobo*. 45. ed. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1956.

LOBATO, M. *Jeca Tatuzinho*. 13. ed. São Paulo, 1944.

OLIVEIRA, A.L. *A bonequinha preta*. Belo Horizonte: Lê, 1988.

REINO infantil. São Paulo: LEP, 1956. (Coleção).

Recebido em setembro de 2009.

Aprovado em junho de 2010.